

O LADO B DA PRINCESA

A face oculta da imaterialidade do patrimônio industrial de Pelotas/RS

THE B SIDE OF THE PRINCESS
The Hidden Face of the Immateriality of Industrial Heritage in Pelotas - RS

Daniela Vieira Goularte¹

Resumo

Este artigo apresenta um fenômeno ocorrido no cenário industrial arruinado da zona do Porto na cidade de Pelotas-RS entre os anos de 1990 e 2010. De caráter subversivo, esse fenômeno fez parte de um movimento *underground* denominado *Dark City*, e revelou um lado oculto da cidade de Pelotas, conhecida como Princesa do Sul. O tema apresentado resulta de uma pesquisa que buscou conhecer diferentes manifestações desenvolvidas entre a comunidade e o patrimônio industrial local, em diferentes contextos socioeconômicos. Através da análise dialética e de uma abordagem fenomenológica, a pesquisa descobriu que esse patrimônio, na condição de ruína, possui uma dimensão imaterial que se conecta com a produção artística e a contracultura.

Palavras-chaves: patrimônio industrial, imaterialidade, contracultura.

Abstract

This article presents a phenomenon that occurred in the decaying industrial landscape of the "Port Zone" in the city of Pelotas-RS between 1990 and 2010. Subversive in nature, this phenomenon was part of an underground movement known as *Dark City*, which unveiled a hidden side of Pelotas, known as the Princess of the South. The topic explored arises from research aimed at understanding various forms of engagement between the local community and industrial heritage across different socioeconomic contexts. Through dialectical analysis and a phenomenological approach, the study revealed that this heritage, experienced in its ruined state, embodies an immaterial dimension that connects with artistic production and countercultural expression.

Keywords: industrial heritage, immateriality, countercultural.

Introdução

As expressões “lado A” e “lado B” são oriundas da indústria musical e se referem aos dois lados de um mesmo long play (LP), ou disco de vinil. Enquanto o lado A representava a face bem-sucedida e rentável do artista, reproduzindo as canções que tocavam na rádio e estavam na boca do povo, o lado B constituía a autenticidade e a essência da sua obra, configurando um espaço experimental e alternativo, dedicado à diversidade e à espontaneidade, mas também desconhecido. A expressão “lado A/lado B” traduz essa polaridade, que mesmo já superada ou fora de moda, ainda é usual no meio cultural até os dias de hoje.

Enquanto a cultura constitui o conjunto de práticas, modos de expressão, saberes e conhecimentos construídos pelo homem, que caracterizam e representam grupos sociais, a contracultura surge como um movimento de questionamento e contestação da cultura vigente. Essa busca romper com as normas e padrões culturais através da criação de novos elementos, geralmente representativos de grupos minoritários e/ou marginalizados. Neste sentido, é comum atribuir à cultura hegemônica, aquela oficialmente reconhecida, a expressão “lado A”, e à contracultura, aquela fora dos padrões, desconhecida e relacionada ao submundo, a expressão “lado B”.

Este artigo mostra um fenômeno ocorrido entre o final da década de 1990 e o início dos anos 2000, que se caracterizou pela prática de exploração urbana² nas ruínas do antigo cenário industrial da zona do Porto de Pelotas. Essa experiência não apenas promoveu o desfrute desses espaços abandonados, mas também serviu como fonte de inspiração para produções artísticas e culturais relacionadas a um movimento *underground*³ existente na cidade, conhecido como *Dark City*. Essas vivências contribuem de maneira diversa para a constituição do patrimônio industrial⁴ pelotense em sua dimensão imaterial, ampliando esse conceito que, geralmente, é associado ao valor social atribuído ao sentimento de identidade, às memórias e às relações interpessoais, vinculados com os modos de produção. Em contraste com a cultura oficial predominante na segunda metade do século XIX - de caráter “ateniense”, nobre e opulenta - que rendeu à cidade de Pelotas o título de “Princesa do Sul”, o movimento *Dark City* revela um lado oculto, configurando duas distintas faces de uma mesma cidade.

O lado A da Princesa

Por volta de 1780, às margens do arroio Pelotas, no sul da província do Rio Grande do Sul, nascia a atividade econômica que viria dar à luz a Princesa do Sul - as charqueadas. Elas eram fábricas de carnes salgadas, cuja matéria prima - o gado - provinha da

² Exploração Urbana, ou *Urban Exploration*, é a investigação, documentação, exploração e mapeamento de lugares abandonados ou de acesso proibido. Impulsionados por um espírito aventureiro e pelo prazer da descoberta, os exploradores urbanos ultrapassam – com autorização ou não – áreas de manutenção ou serviço de edifícios, túneis, prédios abandonados – como hospitais, edifícios do governo e instituições militares – e qualquer outro lugar onde o grande público não deveria ir. Disponível em: <https://www.360meridianos.com/especial/urban-exploration>. Acesso em: 02/07/2024.

³ *Underground* é um termo em inglês que significa subterrâneo ou submundo, e refere-se aos produtos e manifestações culturais que fogem dos padrões comerciais, também considerados marginalizados. O termo está relacionado à música, artes plásticas, literatura e toda forma de expressão através das artes e da cultura urbana contemporânea.

⁴ O patrimônio industrial é considerado parte integrante do patrimônio cultural, e compreende os vestígios da cultura da industrialização, nas dimensões material e imaterial. Os valores históricos, tecnológicos, sociais, arquitetônicos e científicos atribuídos a esse tipo específico de patrimônio estão diretamente vinculados aos processos produtivos e às relações com o mundo do trabalho (TICCIH, 2003).

¹ Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU/UFPel) na linha Cidade e Sociedade, Mestra em Memória Social e Patrimônio Cultural (PPGMP/UFPel), Especialista em Artes Visuais (CA/UFPel), Bacharel em Arquitetura e Urbanismo (FAUrb/UFPel)..

campanha gaúcha, enquanto a mão de obra do trabalho de pessoas escravizadas (Gutierrez, 2001). A expressiva manufatura de charque e a ausência de concorrência na produção (exceto em relação aos países vizinhos, Uruguai e Argentina) impulsionou a economia dessa localidade que até então pertencia à Vila de Rio Grande, favorecendo a construção de um qualificado espaço urbano para o desenvolvimento de atividades sociais e culturais na entressafra do charque.

Conforme Magalhães (2012), a localidade iniciou sua trajetória ascendente ao receber, em 1812, o título de Freguesia de São Francisco de Paula, em reconhecimento à povoação formada em torno das fábricas de carnes salgadas. Com a emancipação da Vila de Rio Grande, em 1815, passou oficialmente à Vila São Francisco de Paula. Devido ao seu expressivo desenvolvimento econômico e seu excepcional contingente populacional, conquistou em 1835 o título de cidade, recebendo o nome de Pelotas em homenagem às águas que a contornam e que, simbolicamente, a acolheram desde sua origem.

"Opulência era precisamente uma das características dominantes da civilização que floresceu em Pelotas no decorrer do século XIX" (Magalhães, 2012, pg.75). A cidade era habitada por nobres cidadãos, detentores de títulos de nobreza, como barões, viscondes, e condes, além de ocupantes de cargos imperiais, como conselheiros e ministros. Devido à grande circulação de pessoas e mercadorias provenientes de diversas localidades, inclusive do exterior, Pelotas possuía um caráter cosmopolita para aquela época. O espaço urbano era formado por belos e luxuosos edifícios, proeminentes exemplares da arquitetura eclética, destinados a residências, casas de hospedagem, hotéis e cafeterias, estabelecimentos comerciais de variados produtos, além de instituições sociais e culturais. As práticas sociais na cidade se destacavam pela realização de saraus e recitais nas residências das famílias mais abastadas, pelas produções musicais, artísticas e literárias nos teatros e instituições de ensino, pela atuação da imprensa, por intelectuais de diversas áreas e mulheres encantadoras.

Devido à essa riqueza cultural, Pelotas era reconhecida como "Atenas Rio-Grandense" (Magalhães, 2012, pg.93), cuja expressão refletia o espírito⁵ daqueles tempos áureos da cidade. De acordo com Magalhães (2012), Pelotas viveu o seu auge durante as décadas de 1860 e 1890⁶, equiparando-se à Porto Alegre, capital da província desde 1773, tanto nos aspectos de produção econômica, população, construções e melhoramentos do espaço urbano, quanto no desenvolvimento de atividades sociais e culturais.

5 As expressões "o espírito da época" - *zeitgeist* - ou "o espírito do povo" – *volksgeist*, remontam aos alemães românticos do século XVIII, e se referem aos sentimentos e ideais compartilhados coletivamente entre os sujeitos históricos de cada época ou movimento.

6 Conforme Moura e Schlee (1998, p.17-18), pode-se representar a história de Pelotas sob os aspectos arquitetônico, econômico-cultural, e técnico-produtivo.

Arquitetônico: 1º Período: (1779-1850), chamado de "Colonial"; 2º Período: (1850-1900), chamado de "Primeiro Período Eclético"; 3º Período: (1900-1930), chamado de "Segundo Período Eclético"; 4º Período: (1930-1950), chamado de "Terceiro Período Eclético" ou "Primeiro Período Moderno"; 5º Período: (1950-1980), chamado de "Período Moderno"; 6º Período: (1980-1998), chamado de "Pós-Moderno";

Econômico-cultural: 1º Fase: 1779-1835), caracterizada pela prosperidade econômica; 2º Fase: (1835-1845), caracterizada pela estagnação econômica (em virtude da Revolução Farroupilha); 3º Fase: (1845-1860), caracterizada pelo esforço de recuperação econômica e retomada do crescimento urbano; 4º Fase: (1860-1890), caracterizada pelo apogeu material e cultural; 5º Fase: (1890-1930), caracterizada pela perda da liderança e desejo da manutenção do prestígio intelectual;

Técnico-produtivo: 1º Estágio: (até 1800), caracterizado pelo charqueiro produtivo; 2º Estágio: (1800-1835), caracterizado pela organização industrial e comercial das charqueadas; 3º Estágio: (1835-1845), caracterizado pela estagnação das charqueadas (em virtude da Revolução Farroupilha); 4º Estágio: (1845-1900), caracterizado pelo aperfeiçoamento técnico das charqueadas; 5º Estágio: (após 1900), caracterizado pelo surgimento dos frigoríficos.

A virada do século XIX para o século XX foi marcada por uma significativa mudança na sociedade Brasileira, com transições técnico-produtiva e político-administrativa, as quais foram bastante adversas para a Princesa. A abolição da escravatura em 1888 afetou diretamente a produção pelotense do charque, que passou a sofrer com a concorrência acentuada da produção saladeiril da Argentina a qual utilizava mão de obra livre, exigindo a adaptação dos modos de produção, e dando origem assim aos frigoríficos. O fim do Império em 1889 e a instauração da República Federativa do Brasil promoveram gradativamente a inversão da hegemonia econômica e política do sul para a região norte do Rio Grande do Sul (Magalhães, 2012). Além disso, a intensificação do movimento de imigração para o Brasil no século XIX, que se insere no amplo processo de expansão mundial do capitalismo, contribuiu para impulsionar o desenvolvimento da industrialização no estado, principalmente na região norte.

No século XX Pelotas industrializou-se. Os primeiros empreendimentos que impulsionaram a industrialização na cidade foram implantados por imigrantes alemães⁷, identificados como "burguês imigrante" aquele que trouxe consigo, da sua terra de origem, capital e experiência profissional na gestão de alguma empresa" (Pesavento, 1985, pg.32). Consequentemente, a localização das indústrias seguiu a lógica capitalista, concentrando-se nas imediações da zona portuária devido às vantagens locacionais que o porto (1832) e a malha ferroviária (1884) proporcionaram para o escoamento da produção. O Porto, a Balsa e a Caieira absorveram a demanda migratória da população que vinha trabalhar nas fábricas, conformando-se como bairros industriais e operários. A industrialização trouxe para a cidade a modernização dos meios de transporte e do sistema de saneamento, a fragmentação e racionalização do espaço urbano, promovendo profundas transformações nas dinâmicas urbanas, nas relações e significados existentes entre a sociedade, o tempo e o espaço (Vieira, 2005; Brito, 2011).

A criação do Banco Pelotense em 1906 foi um desejo da elite local para investir a riqueza acumulada no século XIX. O banco chegou a ter 70 agências, com a matriz localizada em Pelotas e as 69 filiais distribuídas em cinco estados brasileiros. "Em 1920 era considerado o maior banco do Rio Grande do Sul e o terceiro do Brasil" (Magalhães, 2012, pg.141). A criação do Banco do Estado do Rio Grande do Sul (Banrisul) em 1928 no governo de Getúlio Vargas, e a quebra da bolsa de Nova Iorque em 1929, são apontadas como as principais responsáveis pela liquidação do Banco Pelotense em 1931. A quebra do Banco Pelotense tornou-se o símbolo da decadência econômica da Princesa do Sul, a qual não conseguiu recuperar sua hegemonia até os dias de hoje (Fig. 1).

O lado B da Princesa

Segundo Brito (2011), o dinamismo industrial em Pelotas iniciou nas últimas décadas do século XIX e permaneceu ativo até o início da década de 1980, quando um número expressivo de indústrias na cidade encerrou suas atividades ou foram transferidas para outras localidades. Esse processo de desindustrialização no município se deve a uma série de mudanças de ordem econômica e política local, ao mesmo tempo em que ocorrem alterações nos padrões de reprodução do sistema capitalista no mundo.

7 Algumas das indústrias mais expressivas fundadas por alemães na cidade de Pelotas foram: Fábrica de Sabão e Velas F.C.Lang, fundada em 1864, por Frederico Carlos Lang; Cervejaria Ritter, fundada em 1870, por Carlos Ritter, e Cervejaria Sul Riograndense, fundada em 1889, por Leopoldo Haertel (Ferreira, 2011).



Figura 1 - Coletânea de imagens da cidade de Pelotas nos séculos XIX e XX. Fonte: Almanaque do Bicentenário de Pelotas. Volumes 1 e 2.

A dinâmica da atividade industrial na região portuária, entrou em conflito com o crescimento urbano, gerando congestionamento no tráfego e destruição de vias públicas, problemas ambientais, entre outros transtornos à população. Somou-se a isso as mudanças no sistema de transporte vigente no Brasil, onde o transporte rodoviário vigorou em detrimento do transporte fluvial e ferroviário. Com isso, a zona industrial da cidade - até então localizada às margens do canal São Gonçalo - foi transferida para as margens das BRs 116, 392 e 471, ocasionando a desativação industrial no bairro Porto, e paulatinamente a degradação de muitos prédios (Britto, 2011).

No final dos anos 1990 e início dos anos 2000, o cenário industrial arruinado da zona do Porto tornou-se palco para a prática de exploração urbana (*urbex*) de um grupo de sujeitos ligados ao movimento *underground* local conhecido como *Dark City*. Os movimentos *undergrounds* - como *punks*, góticos, *darks*, anarquistas - fazem parte de um contexto mais abrangente, relacionados aos movimentos de contracultura que surgiram a partir da década de 1960, e representam temas, formas de expressão artística, comportamentos e ideologias que rompem com os padrões estabelecidos, sendo frequentemente associado a grupos minoritários e/ou marginalizados. As contraculturas emergiram entre jovens sobretudo dos EUA e Europa, como forma de contestação ao estilo de vida predominante na sociedade pós-guerra. Seus protestos voltavam-se contra o sistema capitalista - promovido como desenvolvimentista e anticomunista - contra a aceleração da industrialização e da tecnologia, responsáveis pelo aumento do consumo e da cultura de massas, além dos impactos ambientais desse modelo.

No caso de Pelotas, o movimento *underground* buscou saciar as necessidades de seus integrantes por espaços alternativos de lazer e cultura, e pela produção de bens materiais e imateriais que lhes representassem. O movimento pelotense tinha como

principal referência a imagem de *Dark City* (Projas, 1998), um filme *noir*,⁸ inspirado em *Nosferatu* (Murnau, 1922) e em *Metropolis* (Lang, 1927), onde o protagonista acorda sem memória numa cidade onde é sempre noite, e aos poucos ele tenta reconstruir o seu passado. Corroborando a existência do movimento, em 2009 o Blog Pelotas Cultural publicou:

Há dez anos, a expressão “*Dark City*” foi usada em nossa cidade para denominar festas góticas. Com sentido crítico e alguma imaginação, seus organizadores e participantes relacionaram a personalidade de Pelotas com o estilo bizarro e depressivo do *noir*. *Dark City* era aqui. Os americanos fazem o mesmo com Nova Iorque, considerada uma cidade *dark*, como *Gotham City* - que é uma representação gótica de Nova Iorque. A diferença é que a cidade mais emblemática do mundo logo se refaz e se reinventa, enquanto nós nos identificamos mais com a escuridão e a umidade. Como contribuição, nosso conterrâneo Vitor Ramil formula a Estética do Frio, que ajuda a entender uma parte da mentalidade pelotense, do ponto de vista da melancolia. [...]⁹

A “estética do frio” de Vitor Ramil é um conceito que evidencia o quanto o frio é simbólico e determinante no nosso comportamento, levando-nos a praticar outros tipos de atividades culturais e adotar outros ritmos de vida.¹⁰ A temática e a estética do filme *Dark City* possuem similaridade com a aura pelotense que pairava naquele contexto em que as explorações urbanas ocorreram. Numa releitura, pode-se dizer que naquela ocasião, Pelotas era a própria protagonista, que de repente acorda e se vê arruinada. Sem lembrar de como chegou nessa situação, ela tenta recuperar a sua dignidade através da promoção e valorização da cultura (no caso, a contracultura), como forma de reconstruir o seu passado. Inspirados na estética *noir*, os pelotenses buscaram ressignificar a imagem do fracasso da sua cidade, enquanto desfrutavam das experiências estéticas proporcionadas pelas explorações nas ruínas do patrimônio industrial, para criar formas de se expressarem através de produções artísticas diversas, como fotos, músicas, vídeo^{11(s)}, festas e comportamentos (Fig. 2). Essa ressignificação encontra concordância com a declaração do jornalista Rubens Filho, feita no Blog Amigos de Pelotas em 2009:

Sei bem do fascínio por esse lado “dark” pelotense. Ele entra no nosso imaginário ainda na infância, associado à ruína predial, à umidade, à ferrugem, a mofos, musgos e liquens. Há algo de triste e doce que nos remete à melancolia, ao abandono existencial, à desesperança

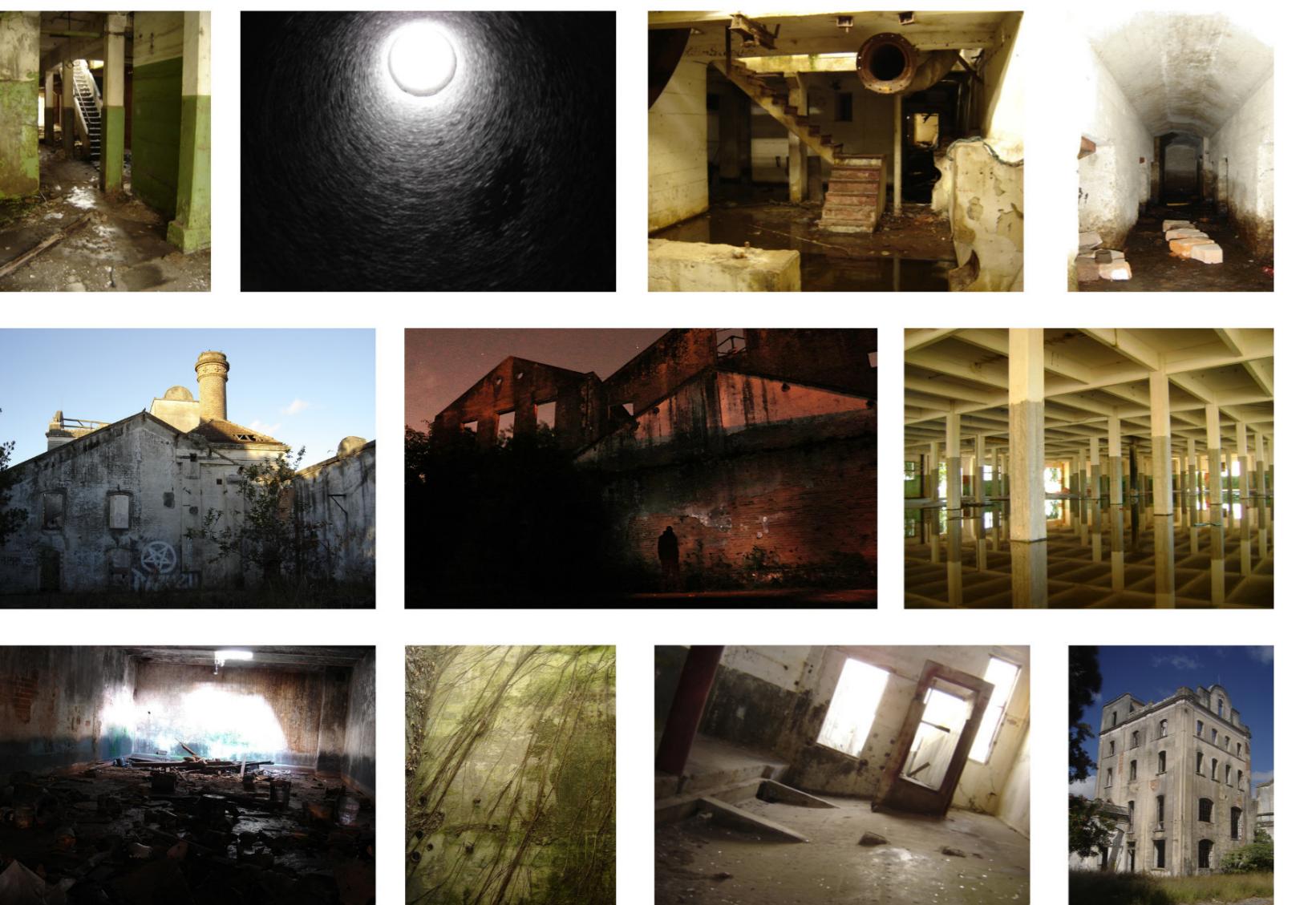
⁸ A classificação foi cunhada em 1946 pelo crítico francês Nino Frank para se referir a um tipo de longa-metragem de suspense que estava em voga nos anos 1940, com ambientação urbana e temática criminal. O visual costumava ter fortes influências da corrente cinematográfica conhecida como expressionismo alemão e da técnica de claro/escuro do pintor barroco Caravaggio (daí a escolha do termo “*noir*”, que significa “preto” em francês). As tramas tinham um forte componente urbano e adoravam mostrar a cidade como um lugar opressor, perigoso e capaz de corromper os homens de bem. Cenas à noite e chuvosas reforçavam a ideia. Problemas sociais eram temas recorrentes – as histórias eram recheadas de crimes, investigações policiais, figuras marginalizadas, álcool e cigarro. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-e-um-filme-noir>>. Acesso em: 07/07/2024.

⁹ Trecho extraído da publicação do Blog Amigos de Pelotas, em 2009. Disponível em: <<https://pelotascultural.blogspot.com/2009/03/cidade-sombria.html#:~:text=H%C3%A1%20dez%20anos%2C%20a%20express%C3%A3o,Dark%20City%20era%20aqui>>. Acesso em: 22/06/2024.

¹⁰ Entrevista concedida pelo músico e escritor pelotense Vitor Ramil à IHU On-Line. Disponível em <<https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/1946-vitor-ramil-1>>. Acesso em: 07/07/2024.

¹¹ Pelotas RS Brasil - the Dark City é um vídeo em homenagem à cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul. “Minha saudosa e querida “Dark City””. Fotografias e edição de Paulo Momento. Música de Vitor Ramil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ea99_Omz2tA>. Acesso em: 24/06/2024.

Figura 2 - Coleção de fotografias das ruínas industriais, obtidas durante as explorações urbanas. Fonte: Acervo de A.M.L. Data: 2005 - 2008.



na história, ao fracasso de uma época, mas que também nos incita à necessidade de reinvenção (Filho, 2009).

A imaterialidade do espaço vivido

O conteúdo apresentado neste artigo é resultado de uma pesquisa¹² que adotou a abordagem qualitativa e fenomenológica, a postura analítico-dialética, e o movimento regressivo-progressivo proposto por Lefebvre (2013). Essa metodologia possibilitou a identificação de três contextos socioeconômicos bem definidos – universitário, abandono, industrial – assim como a definição dos sujeitos participantes da pesquisa, os quais foram escolhidos em função dos vínculos diretos com o patrimônio industrial local em cada um desses contextos – comunidade acadêmica, exploradores urbanos, antigos trabalhadores. O movimento regressivo-progressivo permitiu conhecer aspectos das realidades pretéritas, analisá-los sob a ótica do presente, retornando com novas reflexões, interpretações e encaminhamentos para o futuro.

A análise do lugar e das experiências vivenciadas pelos sujeitos baseou-se na concepção de que o espaço urbano é um produto social, sendo simultaneamente um meio de produção e um produto final (Lefebvre, 2013). Lefebvre propõe analisar o espaço social através de uma estrutura dialética tridimensional, onde as materializações

¹² GOULARTE, Daniela Vieira. Memórias, ressignificações e percepções relacionadas ao patrimônio industrial compartilhado entre a cidade e a universidade: O lugar da UFPel no Porto de Pelotas, RS. Pelotas, RS. 2021. 186 p. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS.

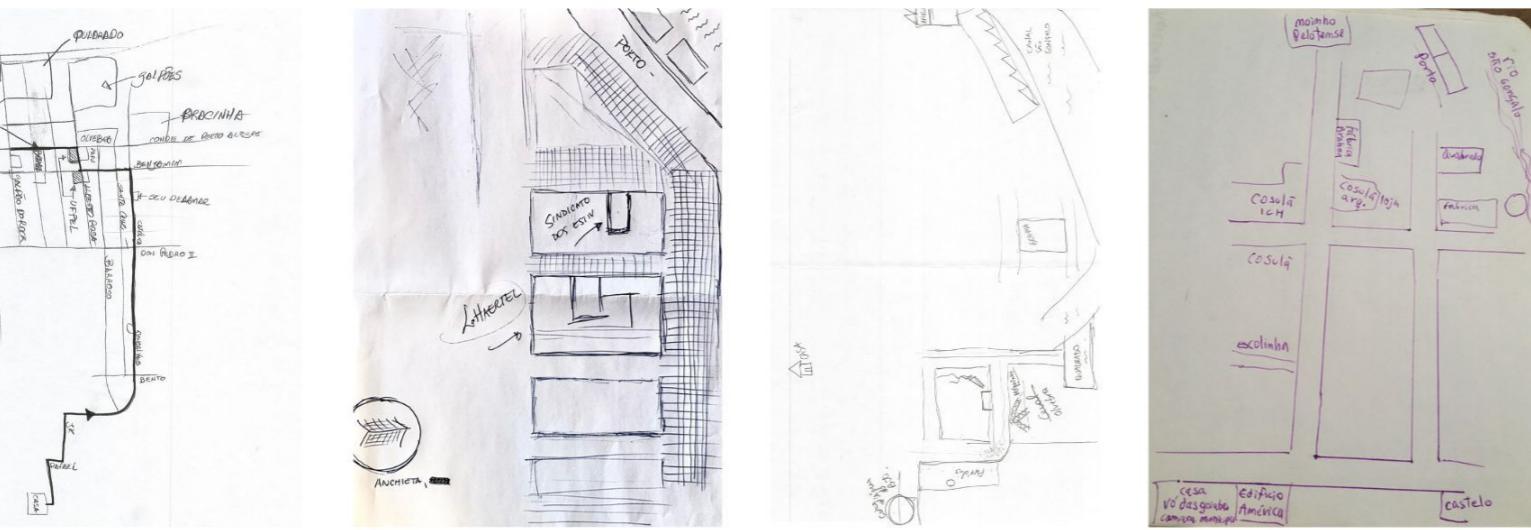
da prática social concreta (Marx), se põe igualmente em contradição tanto com as representações abstratas do conhecimento e da linguagem (Hegel), quanto com as expressões subjetivas dos desejos e da poesia (Nietzsche). Essa estrutura analítica se organiza em três dimensões de materialidades: a “prática social”, que abrange as ações cotidianas, o trabalho, os deslocamentos e as interações pessoais; a “representação do espaço”, que corresponde às concepções teóricas e técnicas sobre o espaço, frequentemente dissociadas da experiência sensível; e os “espaços de representação”, que expressam o imaginário, a subjetividade, o ato criativo e poético dos sujeitos (Schmid, 2012).

Entretanto, essas materialidades não existem por si só, desvinculadas das experiências fenomenológicas desenvolvidas pelos sujeitos que as habitam e as transformam. Por isso, complementando a tríade dialética, Lefebvre estabelece uma relação entre a materialidade espacial e as experiências vividas pelos sujeitos, baseada no conceito de *monde vécu* (mundo vivido) de Merleau-Ponty (1962). Dessa relação, emergem três formas de espacialidade sob a perspectiva do sujeito: espaço “percebido”, relacionado à experiência sensorial direta com o ambiente e com a prática social do cotidiano; espaço “concebido”, aquele gerado no pensamento do sujeito como um conceito generalizado e abstrato; e o espaço “vivido”, proveniente da experiência original, sensível e subjetiva, livre de análises teóricas e abstrações do conhecimento, sendo acessível portanto, através de expressões artísticas (Schmid, 2012).

Considerando a complexidade da estrutura dialética de Lefebvre, foi adotada uma combinação de instrumentos de coleta de dados com o objetivo de captar, de forma abrangente, tanto aspectos da materialidade do espaço, quanto da dimensão fenomenológica. Empregou-se a história oral (Portelli, 2016), fundamentada na relação intrínseca entre narratividade e memória (Ricoeur, 1998). Utilizou-se a técnica de foto-elicição¹³ (Mendonça; Viana, 2007) baseado no fato de que as imagens funcionam como suportes de narrativas (Manguel, 2001), e de que a visão possui poder para “invocar as nossas reminiscências e experiências, com todo seu corolário de emoções, facto do qual se pode tirar proveito para criar situações de fruição extremamente intensas” (Cullen, 2013, p.10). Também propôs-se aos participantes a elaboração de mapas mentais, uma vez que esses esquemas representam o “quadro mental generalizado do mundo físico exterior de que cada indivíduo é portador” (Lynch, 1997, p. 4), permitindo identificar tanto as qualidades físicas quanto as percepções visuais da cidade (Fig. 3).

Ao investigar o patrimônio industrial no contexto do abandono, a pesquisa buscou conhecer aspectos da prática de exploração urbana, do uso das ruínas como espaços de lazer, da apropriação das qualidades estéticas do abandono para produções artísticas relacionadas à contracultura, e da percepção dos participantes sobre a reutilização desses espaços pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Os dados coletados resultaram em um conjunto inédito de narrativas orais e visuais, que evidenciam as experiências vividas, e os elos afetivos estabelecidos entre os participantes e o lugar. Essas manifestações demonstram a relevância simbólica que esse patrimônio adquiriu para o referido grupo, através da revelação de valores até então desconhecidos, contribuindo para ampliar e diversificar a dimensão imaterial do patrimônio industrial pelotense.

¹³ Mendonça e Viana (2007) utilizaram a entrevista com foto-elicição (EFE) como método qualitativo para desenvolver pesquisa sobre ambiente físico em hospitais. A incorporação de fotografias à entrevista propicia, de maneira agradável a autoexpressão e possibilita que o informante seja capaz de explicar e identificar o conteúdo daquela fotografia, demonstrando ao entrevistador o seu conhecimento sobre o objeto pesquisado (Collier, 1973 apud Mendonça; Viana, 2007). As fotografias utilizadas na foto-elicição são de autoria dos participantes.



De acordo com Lefebvre (2013), a materialização do abandono do patrimônio industrial na região portuária retrata a fragilidade das criações humanas, a efemeridade dos modos de produção, entre outras “representações do espaço”. Por meio da “prática social” da exploração urbana, as ruínas foram ressignificadas como novos “espaços de representação”. Nesse processo o patrimônio industrial no *status quo* de ruína revelou-se um terreno fértil para a experimentação estética, manifestações artísticas e vivências autênticas, constituindo-se assim como um verdadeiro espaço “vivido”.

Revelando a face oculta da imaterialidade do patrimônio industrial de Pelotas

As práticas de exploração urbana vivenciadas pelos integrantes do movimento *underground* eram vistas na época como formas subversivas de ser e estar no meio urbano. Atualmente, elas podem ser interpretadas como uma experiência transurbana, a qual sugere que todo território seja caminhável, instigando o rompimento da dicotomia existente entre os espaços público e privado, motivando a conquista e a apropriação da cidade através de caminhos mais desafiadores, buscando assim a essência do *flâneur*¹⁴ e da liberdade do ser (Careri, 2013).

Cinco exploradores urbanos participaram da pesquisa. Eles são sujeitos de uma geração que nasceu entre as décadas de 1970 e 1980, foram estudantes da UFPel, e dos cinco, quatro foram moradores do bairro Porto. Seus vínculos com o lugar se iniciaram na infância, através das suas relações cotidianas como moradores do bairro e da cidade em busca de espaços de lazer, e se intensificaram através da prática de exploração urbana.

Então, desde criança né [...], tendo vindo morar aqui na zona do Porto, eu lembro de andar de bicicleta pela zona e tal, e perceber que era uma zona antiga, que tinha muitos prédios抗igos, alguns abandonados e tal, eu lembro de perceber esta característica assim,

isso me chamava muito atenção [...] E na fase mais de adolescente eu lembro de entrar em alguns desses lugares assim, essas fábricas que tinha [...] Olvebra ali perto do Quadrado, a fábrica da Brahma, depois o Anglo, lembro de frequentar esses lugares assim, mais na fase da adolescência pra fase adulta, e que era como uma espécie de...como que eu vou dizer, eram lugares que a gente usava pra lazer, [...] (A.M.L., 2020).

[...] eu não sou natural de Pelotas, eu me mudei pra lá quando eu tinha por volta de 14 anos, quando eu era criança eu morava [...] do lado de uma fábrica de conservas [...]. Então a minha primeira memória com relação ao Porto ela já remete a alguma coisa que me era familiar, da mais tênue infância assim, dos primeiros anos da minha vida mesmo, porque eu ouvia assim a chaminé da fábrica, ouvia os trabalhadores, e essa fábrica também foi à ruína ainda quando eu era criança. Então, depois eu encontrei essas ruínas multiplicadas né, nesse cenário do Porto, daí eu retorno a uma coisa da infância assim sabe... (A.M.R., 2020).

Desde a infância, eu morei em três lugares ali. Foi meu bairro durante muitos anos [...] a lembrança de infância era quando meus primos me levavam para caminhar na região, andávamos horas por tudo, [...] andava em cima de tubos ao lado moinho pelotense, acho que era material para ampliação ou algo do tipo, mas eram tubos enormes de ferro, andava por cima, por dentro, chutava eles pra escutar o som. (R.G., 2021).

[...] eu lembro da praça da Alfândega desde muito criança, de ir pra lá. Dos Armazéns do Porto, era um lugar que eu gostava muito de caminhar e que a gente ia pra lá por diversos motivos [...]. E eu me lembro de ficar muito chateado, há uns... não sei se 10 anos, mas já há uns bons anos atrás quando aquela região foi fechada, colocaram uma série de grades [...] eu entrei no Anglo antes dele virar universidade federal [...] É a cervejaria Haertel, conhecida vulgarmente como a fábrica da Brahma, que era o nosso **playground** né [...] Tinha toda uma série de lugares que a gente escalava [...] (R.P.A. 2020. Grifo da autora).

No último relato, e nos demais a seguir, os participantes falam sobre algumas experiências vivenciadas que constituem as suas memórias individuais, onde é possível identificar a existência de significados compartilhados consensualmente entre os integrantes do grupo, como é o caso do **playground**, significado atribuído ao bairro como um todo, mas especificamente à Cervejaria Haertel ou “fábrica da Brahma”¹⁵, como o prédio é popularmente conhecido.

Como eu te falei, eu cresci na vizinhança de uma fábrica, e quando essa fábrica faliu, ela virou meu quintal [...] bom aquilo [zona do Porto] virou um **playground** mesmo né, enquanto a universidade não se apossou das coisas a gente invadia tudo que era espaço possível [...] (A.M.R., 2020. Grifo da autora).

14 Flâneur, do substantivo francês flâneur, significa “errante”, “vadio”, “caminhante” ou “observador”. Flânerie é o ato de passear. Flâneur é um quase-sinônimo de ‘boulevardier’. O flâneur era, antes de tudo, um tipo literário do século XIX, na França, essencial para qualquer imagem das ruas de Paris. A palavra carregava um conjunto rico de significados correlatos: o homem do lazer, o malandro, o explorador urbano, o conchedor da rua. Foi Walter Benjamin, baseando-se na poesia de Charles Baudelaire, que fez dessa figura um objeto de interesse acadêmico no século XX, como um emblemático arquétipo da experiência moderna. Segundo Benjamin, o flâneur tornou-se um símbolo importante para estudiosos, artistas e escritores. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Fl%C3%A2neur>>. Acesso em: 05/07/2024.

15 A Cervejaria Sul Riograndense – Haertel, fundada em 1889 pelo imigrante alemão Leopoldo Haertel, esteve em funcionamento até a década de 1940. A partir de então, foi comprada pela Cervejaria Brahma, que nunca produziu cerveja no local, apenas utilizava o espaço para depósito e distribuição.

A zona do Porto foi pra mim um lugar de recreação, por muitos anos, o lugar que eu ia, primeiro pra explorar, pra conhecer um bairro novo, porque até então eu só conhecia o Areal e o Fragata, [...], quando eu comecei a sair sozinho, sem meus pais, pegar a minha bicicleta e ir pra qualquer lugar, eu ia pro Porto justamente por esse **playground** que era pra mim as fábricas abandonadas, por muito tempo foi isso (D.M.V., 2020. Grifo da autora).

[...] ao invés de ir para uma praça, ir para um parque, ir para uma praia, a gente ia para uma fábrica dessas sabe, comprava uma bebida e ia pra lá, levava um violão pra tocar, uma bebida pra tomar, uma coisa pra comer, jogos, enfim, e ficava lá a tarde toda, conversando tirando fotos, explorando o lugar, esse tipo de coisa, [...] então eu considerava esses lugares assim, uma espécie de **playground**, era o **playgound** de gente grande, [...] eram lugares mágicos, [...] como quem vai pra natureza, como quem vai pro mato sabe, só que sem sair do próprio bairro, sem sair da cidade, a gente conseguir ia pra esses lugares e ter uma experiência totalmente imersiva, longe completamente de toda a vida cotidiana [...] (A.M.L., 2020. Grifo da autora).

Os participantes demonstram compreender o significado do termo em inglês *playground*, associado ao parquinho ou pracinhas de recreação infantil, e se apropriam desse significado pré-existente em outra língua, e vinculado à outra fase do desenvolvimento humano - a infância - incorporando-o à suas realidades. Com isso, eles atribuem valores simbólicos e de uso a esses espaços (Hernández; Tresserras, 2007). O valor simbólico refere-se ao caráter associativo de um significado pré-existente incorporado em outro contexto ou tempo, enquanto o valor de uso refere-se ao fato do *playground* atender as necessidades coletivas do grupo, funcionando como verdadeiros espaços de convivência e lazer.

Todas as imagens apresentadas a seguir, acompanhadas de suas respectivas narrativas, foram obtidas por meio da técnica de foto-elicitação (EFE). A produção de narrativas sobre a imagem, intensifica os seus aspectos iconográficos e iconológicos (Panofsky, 1991), confirmando a eficácia dessa combinação para dar visibilidade às experiências entre pessoas e lugares. Na combinação da imagem (Figura 4) com a narrativa, é possível acompanhar a trajetória do participante - que descreve a sua experiência com a prática da exploração urbana - e perceber a intensidade dos seus sentimentos e pensamentos, bem como a carga de emoções contidas nessa experiência (Fig. 4).

Essa foto foi interessante porque já tava em meio desse processo aí da UFPel começar a comprar esses prédios abandonados e isso tava me deixando apavorado assim, porque eu imaginava que isso ia se acabar né, eu ia perder o acesso a esses lugares, e a Cotada era um lugar que eu nunca tinha conseguido entrar [...] e aí invadi a Cotada e aí passei a tarde inteira lá dentro sabe, [...] eu subi pelas escadas e fui lá pra cima, e foi de lá que eu tirei essa foto, eu tenho várias fotos que eu fiz nesse dia, tava um dia nublado assim, um dia assim lúgubre, *Dark City* totaaaal, total, total, tava muito lindo aquele dia, completamente nublado, a luz tava maravilhosa esse amarelão que ficou as fotos assim, eu perdi um tempo ainda calibrando a câmera pra ficar bonitão mesmo, e pá, peguei umas fotos muuuuito massa lá dentro, e quando eu cheguei na parte mais alta que dava pra chegar, eu tive essa vista assim da zona do Porto com o Anglo lá no fundo e aí começou a chover e aí foi quando eu bati essa foto. Tu vê que as ruas tem água empoçada, tu vê que o Anglo lá no fundo já ta meio



ofuscado assim, meio nebuloso assim por causa da água da chuva e aí pega todos esses prédios abandonados ali da zona e tal, pega até o coleginho aqui no primeiro plano e tal, a caixa d'água do coleginho, depois os galpões do Porto, o Moinho Pelotense ali, o Power, pô pego tudo assim, então essa foto bah, foi uma coisa que eu sempre quis ter, um retrato da zona do Porto bem bonito assim, num dia perfeito, com aquela chuva, com aquela iluminação. Então essa é a história desta foto, [...] nada mais importa, tu ta ali vivendo aquele momento sabe, tu ta totalmente focado no presente, [...] porque aquele momento ta sendo tão legal, tão grandioso que tu pensa "não, durante muito tempo eu vou lembrar disso assim, então eu tenho que aproveitar esse momento e registrar o que eu puder assim", então eu fiz isso, [...] as vezes a gente tem que se esforçar um pouco, nesse dia eu fiquei muito feliz porque deu tudo certo.(A.M.L., 2020).

De acordo com Tuan (2013), a experiência descrita pelo participante atingiu uma realidade concreta para ele, pois de acordo com o autor, a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência, e deve ser constituída de sentimento e pensamento, os quais se complementam no processo do continuum experencial. Enquanto o sentimento está relacionado a estados subjetivos, como memória e intuição, o pensamento refere-se à percepção da realidade através dos movimentos, da organização espacial e do sentido de orientação. Para o autor, "um objeto ou lugar atinge realidade concreta quando nossa experiência com ele é total, isto é, mediante todos os sentidos, como também com a mente ativa e reflexiva (Tuan, 2013, p.7).

Figura 4 - Fotografia. Cotada 01 – Fotografia retirada do último andar da Cotada, com vista para o Moinho Pelotense (Power) e Anglo ao fundo. Fonte: Acervo de A.M.L. Data: 05/10/2009.

A imaginabilidade é uma importante qualidade física e visual atribuída à imagem da cidade, definida por Lynch como “a característica, num objeto físico, que lhe confere uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador dado” (Lynch, 1997, p.11). A esteira do Moinho Pelotense, marcada pela inscrição *Power*, foi mencionada por todos os participantes como sendo um dos lugares mais significativos e lembrados, evidenciando seu alto potencial de evocação imagética. No entanto, para este participante em particular, as imagens mais fortes que lhe vêm à mente estão diretamente associadas ao conjunto de elementos típicos que intensificam o caráter estético do abandono:

Com certeza assim a torre da Brahma, a chaminé ali da Brahma, com a torre e um sol se pondo atrás, aquele monte de tijolo, aquele visual da chaminé com aves pousando em cima e aquele musgo nas paredes, aquele tijolo antigo, da Brahma, isso seria uma imagem fortíssima assim. Lembro do prédio do Anglo, né, com seus salões enormes em ruínas e suas colunas, suas paredes, escadarias, vielas, passarelas e tudo mais, todo o conjunto do prédio do Anglo abandonado assim, era uma coisa monumental, fantástico assim, um lugar de sonhos pra mim. Quando entrei lá as primeiras vezes eu fiquei embasbacado, passava dias inteiros lá dentro, saía porque já tava com fome sabe, [...] era incrível, incrível, [...] então é esse o tipo de imagem que eu tenho assim da... a Brahma com todas as suas belezas [...] e o Anglo pelo seu conjunto, pela sua monumentalidade, prédio gigantesco, com toda essa carga histórica assim, tudo isso em abandono bah isso forma uma... é poesia visual, é incrível. Isso é o que mais me chama atenção (A.M.L., 2020).

As narrativas dos participantes concordam com Rocha (2008) quando diz que ao olharmos para arquiteturas abandonadas na cidade, nos preparamos com um mistério indecifrável, privilegiamos outro olhar, outra lógica, exercitamos outro modo de pensar. São muitas perguntas até encontrarmos respostas, até nos acostumarmos com esse quadro, como se fosse um objeto de decoração constituído de restos de construção e apreciado como ruína.

E então circular por esta região já me trouxe assim uma paisagem, que é na própria extensão da palavra assim pitoresca, ela é um retrato. O paralelepípedo, o prédio abandonado, o trabalhador talvez um pouco já mais idoso, o silêncio, o cheiro de mofo, a umidade, a pátina, essas aberturas assim que são enormes, “porque janelas tão grandes?” Tudo é um porquê, tudo é a história e tudo é o passado então (A.M.R., 2020).

A estética do abandono evoca uma emoção de natureza barroca, expressa pelo drama da degradação e pelo contraste entre a grandeza no passado e a decadência no presente (Riegl, 2008). Os vestígios característicos do abandono - musgos, pátinas, e ruínas – exercem um forte apelo visual, despertando questionamentos, promovendo experiências sensíveis e diversas, intensificando o caráter do lugar. Tais elementos contribuem para torná-lo singular, facilmente identificável e memorável (Tuan, 2013). A imagem a seguir (Figura 5) mostra o porão da Brahma, e é acompanhada por sua narrativa, que demonstra o conhecimento e a percepção topológica em relação ao lugar, bem como sua admiração pela estética do abandono. Essa estética, por sua vez, é ressignificada e incorporada por ele na produção de bens materiais e imateriais vinculados à cultura *underground* (Fig. 5).



[...] esse lugar aí ficava em baixo mais ou menos, não era exatamente embaixo da chaminé, mas era mais ou menos por ali por perto da chaminé da fábrica da Brahma. Isso aí era uma espécie de porão sem janelas assim, onde a luz do sol só entrava por um buraco, uma espécie de clarabóia que era um buraco que tinha no teto e por ali entrava água da chuva também. Então esse lugar por ser totalmente selado ele acabou enchendo d'água, e aí em certos momentos do dia entrava essa luz do sol maravilhosa por cima desse buraco no teto, que refletia na água, então essa água, nessa parte de baixo da foto é todo reflexo da água mesmo, é o espelho, essa foto é uma espécie de espelho d'água. Claro que aquilo lá tava cheio de lixo, [...] um lugar bem sujão assim, [...] sei lá o que tinha naquele chão, mas era podre, só que pô o visual desse lugar era muito bonito, [...] essa imagem aí virou capa de um dos CDs, [...] que a minha banda lançou, [...] então esse lugar ficou imortalizado assim dessa forma, [...] Então a importância que esse local específico tem pra mim, a sala escura da Brahma com a água no chão e tal, e esse musgo na parede e essa luz maravilhosa entrando, um lugar assim esteticamente muito bonito (A.M.L., 2020).

De acordo com a narrativa, o *status* de “imortalidade” atribuído ao porão da Brahma decorre do valor estético conferido ao espaço e da intensidade sensorial provocada pelos estímulos visuais e atmosféricos, bem como pelo prazer que isso proporciona ao participante. Isso confirma a ideia de que as experiências vividas em determinados lugares podem ser intensificadas e carregadas de emoções se esses espaços oferecerem estímulos que reforcem o seu caráter, tornando-o distinto, fácil de ser

Figura 5 - Fotografia. Brahma 037 – Porão da Brahma. Fonte: Acervo de A.M.L. Data: 07/01/2005.

identificado e lembrado (Tuan, 2013). As narrativas seguintes, associadas ou não à imagens, mostram de que forma os participantes experienciaram e ressignificaram as qualidades estéticas do abandono, apropriando-se de seus significados em suas práticas culturais (contracultura) e de lazer, e também como isso influenciou na construção de suas identidades e comportamentos individuais e coletivos (Fig. 6).

[...] eu gosto de resgatar em alguns desenhos meus o cenário do Porto. Eu tenho uma banda, [...] eu ainda não terminei essas ilustrações, mas a gente quer fazer uma linha de camisetas assim [...] e uma das ilustrações é como se fosse a fábrica da Brahma monstruosa assim, tomada pela vegetação e isso se transformou num... sabe, tipo num monstro, uma coisa assim. Querendo ou não eu tenho assim... o Porto tá bem relacionado com a minha vida. [...] Acabo cultivando, acaba que é um cenário que pra mim é legal assim, porque eu gosto da cidade de Pelotas e eu gosto da estética da ruína, gosto desse lance depredado, gosto dessa... como te falei é uma coisa que agregou muito na minha poética visual sabe, como artista plástico, embora não formado, me considero. Eu acho que é importante pra mim e gosto de cultivar, gosto de manter vivo isso em mim (D.M.V., 2020).

A zona do Porto construiu meu caráter sabe, [...] foi um lugar muito receptivo, foi um lugar que me moldou [...], poder ter o prazer de viver num lugar como era a zona do Porto antes sabe [...] o berço do *underground* local da cidade, muita banda surgindo, muito festival, muito evento, galpão do rock que também era num desses prédios antigos aí, uma antiga fábrica, então a zona do Porto tem um papel cultural assim muito forte na cidade. [...] a zona do Porto foi palco pra tudo isso sabe, foi fundamental assim, poder dizer “pô cresci numa zona que é assim, que é desse jeito sabe”, que é cheia de prédios abandonados, com essa característica sombria, tudo cinza, não tem colorido, um lugar cinzento, sombrio, soturno, lúgubre, [...] isso se aproxima muito com o conceito de *Dark City*, [...] esse paralelo entre essas duas estéticas, [...] Então dá pra dizer assim que eu vivenciei tudo isso, eu participei disso ativamente, e foi uma fase importantíssima na minha formação como indivíduo, [...] Então eu vejo nisso um papel super importante. [...] o entorno, o ambiente, o meio onde tu vive faz a pessoa que tu é, e ter toda essa influência, toda essa informação visual que tem aqui na zona sabe, corroborando com todo esse movimento, com toda essa estética que a gente buscava enquanto movimento gótico, dark, enfim, que teve muita importância no começo dos anos 2000, [...] Então dá pra dizer que a zona do porto teve esse papel porque esteticamente tinha tudo a ver com o que se fazia, com o que se pensava, enfim (A.M.L., 2020).

eu acho que eu sou um pouco distinto dessa galera que viveu no Porto pela questão da contracultura e do *underground* e tal. Não que eu não tenha vivido e aproveitado bem essa fase, mas eu acho que fiz isso mais por ser amigo deles do que por mim mesmo. O meu... a minha questão com o Porto, pelo lado da ruína né, que..., que é... ruína é memória, é passado né, nunca deixou de colocar uma pergunta assim do tipo “o que era aqui? O que foi aqui? Né, quem trabalhou aqui?” [Trecho retirado da explicação do mapa mental] (A.M.R., 2020).



[...] tinha vezes que a gente chegava e aquilo lá tava uma festa, tinha 30, 40 pessoas no lugar, em grupinhos separados assim, [...] Mas o que era mais comum era a gente levar violão pra lá, e como a gente era muito ligado à uma coisa muito subterrânea, muito *underground*, a gente tocava umas músicas assim bem estranhas, tinha umas bandas que a gente gostava, tipo *Anathema*, [...] a gente tocava umas coisas super obscuras nesse lugar. E acho que a gente tinha um certo orgulho né de ser obscuro em diversos sentidos, de ser diferente assim, da turma dos metaleiros, dos góticos [...] Esse lugar [Brahma] então ele é o... a fábrica abandonada que tem o maior número de lembranças. [...] a gente tem muitas histórias lá [...] E a gente começou a ir lá num grupo de alguns amigos, daqui a pouco esse grupo ficou maior, e ficou maior, e ficou maior, aí esses amigos foram chamando outros amigos, e às vezes numa mesma noite chegavam lá cinco ou seis grupos de pessoas diferentes entendeu? E todo mundo que ia novo pra lá era uma aventura né, pô no meio da madrugada, numa fábrica abandonada, no meio do Porto da cidade, era uma aventura, e pra nós era extremamente interessante, a gente se sentia os mestres do lugar assim, as vezes a gente fazia... dava uma de cicerone né, ia mostrar pra pessoas todos os lugares que tinham lá dentro assim. Tinham alguns buracos muito perigosos, eu caí num ou outro, mas nunca me machuciei feio. [...] Ela [zona do Porto] é uma parte fundamental da minha identidade pessoal né, e também da identidade coletiva de um grupo, com quem eu convivi por muito tempo. (R.P.A., 2020).

Figura 6 - DSC04839 - Crazy Town. Fonte: Acervo de A.M.L. Data: 22/05/2016.

[...] esse aí é o lugar que a gente chamava de “crazy town” né, que era a floresta do segundo andar, na época dessa foto aí já não tinha mais tanta árvore, o pessoal já tinha feito uma limpa lá em cima, mas aí era o lugar bem característico da Brahma, de... daquele lance que eu tava falando, de entrar aí na tarde, e às vezes ficar aí até de noite, fazia até fogueira, levava uma garrafa de vinho, ficava aí bebendo com os amigos, batendo um papo e tal. [...] Ah muita coisa rolou aí nesse lugar, as vezes tinha mais de um grupo de pessoas lá, tu chegava com a tua turma lá e quando vê chegava uma outra turma sabe, pessoal ficava cada um no seu cantinho ali e tal, dividindo espaço, era um lugar bem de convivência né, social assim, mas ao mesmo tempo bem *underground* assim porque, vai pensar quem é que invade um lugar abandonado pra fazer lazer, mas aqui na zona do Porto era assim sabe, tinha essa característica, não era só eu e meia dúzia que fazia isso, era muito mais gente, chegava lá e tinha outras pessoas lá fazendo a mesma coisa, entra de curioso, vê o lugar e fica maravilhado com aquilo né, porque é mágico né, esse tipo de lugar tem a sua magia, tu tá lá dentro e parece que é tudo diferente, [...] é uma outra coisa [...] parece que atravessa o portal e aí tu tá em outro tempo, em outra realidade [...] (A.M.L., 2020).

As vivências e experiências relatadas demonstram que os participantes se comportavam como verdadeiros habitantes do lugar, pois eles eram capazes de se orientar e de se identificar, ou seja, eles sabiam onde estavam e como estavam nesses lugares (Norberg-Schulz, 2008). Essas vivências contribuíram para o desenvolvimento de um profundo elo afetivo entre os participantes e o lugar, que Tuan (1974) identifica pelo conceito de *Topofilia*¹⁶.

Entre os contextos do abandono e universitário

Nos anos 1990, a UFPel assumiu um compromisso em prol da reativação da zona do Porto, através da aquisição de prédios fabris desativados¹⁷, destinando-os à novos usos - acadêmicos e administrativos da universidade – efetivando-se como uma alternativa para reverter o problema de abandono da área. Durante esse processo de aquisição, os prédios foram reconhecidos pelo poder público municipal como bens do patrimônio cultural da cidade, e incorporados ao Inventário do Patrimônio Cultural de Pelotas¹⁸. Embora a medida de salvaguarda municipal represente um avanço importante para a preservação do patrimônio industrial local, esse tipo de bem exige medidas específicas de conservação, conforme recomendações de suas respectivas

cartas patrimoniais¹⁹ a fim de evitar intervenções que comprometam a sua integridade física, o que lastimavelmente já aconteceu.

Sobre o reconhecimento desses espaços como patrimônios, os participantes demonstram um amplo entendimento sobre as suas dimensões material e imaterial, bem como sobre suas escalas urbana e arquitetônica. Eles são compreendidos pelo caráter industrial assim como pelo residencial e urbano diversificado, incluindo a paisagem natural e a paisagem cultural referente ao espaço concreto e construído. Também pelas memórias relacionadas ao mundo do trabalho e dos trabalhadores, assim como pelas memórias da comunidade em geral relacionadas ao lugar (Fig. 7).

Com certeza! É!... Primeiro porque o mundo pertence à classe trabalhadora, e esse é um espaço onde os trabalhadores viveram a sua história e foram duramente penalizados porque se tornaram obsoletos. [...] ali no Porto é a memória do trabalhador. A história do trabalhador. [...] é patrimônio sim, é memória. É identidade, trajetória, história (A.M.R., 2020).

[...] acho que são patrimônios pela história, pela vivência das pessoas que passaram por ali, gerações né, tanto quanto em funcionamento quanto como espaço, o espaço em si, concreto armado, que possibilita que pessoas andem ali. Acho que isso gera uma história por lugar, eu acredito que é patrimônio. Justamente por ser tão frequentado, eu acho que tem uma carga afetiva ali, até para as pessoas que moram ali, né... Então eu acho que deve ser preservado de alguma forma, ressignificado, mas preservado, ao invés de destruir e criar uma zona residencial por exemplo como a gente vê acontecendo né, eu acho que pode aproveitar o que já tá feito, sabe, acredito que aí no futuro isso vira um símbolo da... justamente da ressignificação da coisa sabe. Eu sempre penso na geração futura, o que vai acontecer, o quê que vão lembrar, como vão lembrar, eu prefiro que o que tá em ruína seja lembrado de forma positiva, não só como uma coisa que foi depredada e esquecida, por mais que eu goste da exploração da ruína eu sei que uma hora isso se extingue essa coisa, não tem mais o que ser explorado ali, então que seja ressignificado assim. Então eu acredito que deve ser mantido como patrimônio (D.M.V., 2020).

Então, pra mim aquele bairro tem dois tipos de patrimônio clássico né, definido dentro da academia, o patrimônio material da região ele é sem sombra de dúvida muito ligado às grandes fábricas, às ruas de paralelepípedo, aos casarões antigos né... Esse patrimônio material todo ele cria uma certa paisagem, ele compete com uma paisagem natural que já existe né, do Canal, das planícies né, e essa paisagem ela ajuda a definir o lugar. Mas também tem um outro tipo de patrimônio, imaterial, que tem a ver com as memórias de um conjunto de pessoas que cresceu e viveu nesse lugar e os usos que se dava pra esse lugar né, principalmente os usos de lazer, no nosso caso assim, os barzinhos, as festas noturnas e diurnas mesmo que tinha e a importância das fábricas como patrimônio, se elas são consideradas... elas são, sem sombra de dúvida patrimônio. E acho

16 Topofilia (Tuan, 1974) comprehende os elos afetivos e sentimentos desenvolvidos entre os indivíduos e o lugar, através de percepções, atitudes e valores.

17 Foi adquirido, em 1996, o prédio da antiga Fábrica de Lã, Cooperativa Sul Rio-Grandense de Lã (COSULÃ) e seus galpões. Posteriormente, através do REUNI, a Universidade adquiriu: em 2006 o complexo do Frigorífico Anglo; em 2008 o Moinho Santista; em 2009 a Fábrica Cotada; em 2010 o Prédio da Alfândega; e em 2012 o Prédio da Cervejaria Brahma (Cervejaria Sul Rio-Grandense) (Sosa González, 2019, p.87).

18 Os prédios industriais adquiridos pela Universidade Federal de Pelotas foram reconhecidos como patrimônios, e incluídos no Inventário do Patrimônio Cultural de Pelotas através dos Decretos 4.490/2003 e 4.703/2004, e estão enquadrados no Nível 2 de preservação, conforme definição do III Plano Diretor de Pelotas (Pelotas, 2008). O Inventário do Patrimônio Cultural de Pelotas foi criado pela Lei Municipal 4.568/2000 (Pelotas, 2000).

19 As Cartas Patrimoniais são documentos de abrangência internacional, firmados a partir de encontros técnicos-científicos e possuem caráter de prescrição e/ou recomendação, servindo de referência às ações sobre determinado bem patrimonial. O Patrimônio Industrial possui três documentos voltados à sua salvaguarda: a Carta de Sevilha (2018), os Princípios de Dublin (2011) e a Carta de Nizhny Tagil (2003).



Figura 7 - Fotografia, zona do Porto 01 – Pôr-do-sol do Quadrado. Fonte: Acervo de A.M.L. Data: 07/09/2010.

que elas são patrimônio das duas formas clássicas de patrimônio, tanto material como imaterial, porque elas são lugares de memória pra pessoas que trabalharam, pra pessoas que conviveram, pra pessoas que como eu, né, transgrediram a utilização original desses espaços né... E eles são patrimônio material, claro, cada pedra colocada pela humanidade neste maldito planetinha é parte da memória (R.P.A., 2020).

Essa foto mostra o típico pôr-do-sol no Quadrado, né, patrimônio imaterial da zona do Porto. Isso aí é como o nosso Guaíba, bem dizer é o pôr-do-sol, nosso pôr-do-sol do Guaíba é isso aqui, porque o Laranjal não tem um pôr-do-sol legal, então é esse que nós temos, é o pôr-do-sol na zona do Porto, olhando a ponte de Rio Grande por um lado e pro outro olhando esse visual que nós temos aqui. [...] Eu gosto desta foto porque ela pegou uma luz maravilhosa assim de pôr-do-sol, tanto que o photoshop nesta foto é mínimo [...] Pegou bem o pôr-do-sol na zona do Porto e a luz refletindo nas telhas metálicas lá do Power, os armazéns do Porto, o guindaste novo em funcionamento inclusive funcionando ali, o barco lá estacionado no cais, a estrutura aqui abaixo à esquerda, estrutura do Clube Náutico Gaúcho, que eu pude vivenciar bastante também, treinei, eu tive aula de remo lá no Clube Náutico, treinei remo, saía pra andar de caiaque no São Gonçalo, uma outra maneira muito legal de vivenciar a zona do Porto: navegar de caiaque sozinho por essas águas assim, coisa que eu tô voltando a fazer inclusive, que é andar de caiaque. Então esse visual assim pô... quem mora aqui no Porto admira, então eu escolhi

essa foto por isso, por ser uma foto bonita e por ter essa atmosfera de tranquilidade assim, de calma, porque o Quadrado mesmo é um lugar de lazer, não só do Porto como da cidade inteira né, todo mundo vem pra cá, inclusive tá sendo difícil manter isolamento social lá no Quadrado, [...] todo mundo sentado sem máscara, ouvindo música sabe, aquilo ali tá um caos hoje em dia, porque o pessoal chega final de semana precisa fugir pra algum lugar, e o Quadrado aqui é a nossa praia, e eu acho muito legal isso, o fato de a nossa praia ser uma praia de concreto. Não é uma praia de areia, é um lugar de concreto, um lugar industrial, então isso reforça essa característica industrial assim decadente da zona do Porto (A.M.L., 2020).

O participante atribui valor imaterial à paisagem formada pela interação entre os elementos naturais e as construções humanas, destacando a iluminação gerada pelo pôr-do-sol, descrita como “maravilhosa”. Ao se referir a esse fenômeno como o “nosso pôr-do-sol do Guaíba”, ele estabelece uma relação simbólica com o pôr-do-sol do Guaíba, que é considerado um ícone regional²⁰. Fato semelhante ocorre quando o participante se refere ao Quadrado como “nossa praia” e “praia de concreto”, pois ele reconhece que o local, embora urbano e industrial, cumpre funções semelhantes às de uma praia, sobretudo pelo acesso à água e por satisfazer suas necessidades de lazer. Ao atribuir ao Quadrado tanto um valor de uso quanto um valor simbólico, ele revela uma apropriação afetiva e subjetiva com o lugar. Ao empregar o termo “praia de concreto” fica evidente a dualidade do caráter industrial e o seu papel social como espaço de convivência e recreação.

Os diferentes pontos de vista dos participantes sobre a inserção da UFPel na zona do Porto demonstram uma das diversas contradições que compõem esse território, impulsionando o movimento dialético, permitindo ao patrimônio avançar no curso do tempo. Os participantes expressam opiniões a favor e contra à maneira como a UFPel conduziu o processo de reutilização desse patrimônio. Eles defendem a criação de espaços de respiro, que favoreçam a reflexão e a criatividade, rompendo com a lógica funcional tradicionalmente atribuída ao espaço urbano. De modo unânime, eles afirmam que esses espaços devem ser públicos e voltados à educação, cultura e ao lazer da comunidade em geral, e não restrito apenas à comunidade universitária.

Eu tô muito satisfeito com a chegada da Universidade Federal, e o fato da Universidade Federal ter sido quem se apropriou do lugar, porque quais eram as possibilidades? [...] esses grandes espaços das antigas fábricas sendo vendidos pra Universidade Federal pra mim é o melhor destino possível pro lugar, pra mim é perfeito. Pra mim o lugar tem vocação pra isso, para um grande campus universitário. Acho sensacional e eu entendo que a Universidade Federal... ela tem mostrado muita responsabilidade com esses lugares, tentado manter as principais características arquitetônicas, [...] prover eles de espaços de convivência, entender que esses espaços eles não são só dos estudantes e professores e funcionários da Universidade, que pertence à comunidade como um todo... agora estão botando um calçadão na frente do ICH né, [...] (R.P.A., 2020).

²⁰ Jornal do Comércio. Disponível em: https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/galeria_de_imagens/2018/07/639287-orla-do-guaiba-em-porto-alegre-muito-alem-do-por-do-sol.html Acesso em: 06/12/2020.

[...] eu acho que a UFPel tem feito um bom trabalho em ressignificar as coisas, mas eu acho que eles podiam ter um projeto piloto pra isso, assim né... Acho que algum órgão público, mas com um planejamento adequado a isso [...] Eu acho que esse espaço amplo da zona do Porto, eles podiam ter explorado de forma mais cultural do que é agora, porque são espaços enormes sabe, são espaços que tem uma acústica boa, então usa pra música, ou pra... sei lá, um teatro, ou uma coisa assim. Porque eu vejo que a cidade é [...] muito ligada à cultura assim, e eu acredito que o trabalhador precisa disso assim, já que ele não tem nem o lugar de trabalho, que seja então um lugar de lazer, talvez. Então explorar mais esse lance de lazer, de cultura, espaços de convivência, criar parque. E acredito também... eu tenho uma visão muito... hoje em dia, muito ecológica das coisas, então eu acho que poderia ter espaços verdes maiores. Sei que eu gosto muito do espaço cinza e destruído da ruína, mas eu acho que se a natureza voltasse com força ali seria melhor, ia ser um espaço que ia respirar mais sabe, outro nível de cidade acho que poderia ter, de qualidade de vida também. Utópico né... (risos) (D.M.V., 2020).

Sem lógica, sem uma visão empresarial de finalidade. Assim só como espaço, mas sem oportunismo. Porque subsidiariamente a isso, no máximo a ideia de um espaço de criatividade, como em outras regiões (palavra não identificada) existe essa coisa da indústria cultural, tem um livro chamado Cidades Criativas... Como é que é o nome da mulher, cara? [...] Poxa, não tô lembrado, mas na zona do porto de Buenos Aires aconteceu isso. Dedicar esse espaço assim pra universitários tá, ok, mas é um pouco o que acabou fazendo a UFPel e eu não me agrado. Então eu acho que a ausência de um olhar gerenciador seria o melhor destino pro Porto (A.M.R., 2020).

[...] aqueles que a UFPel pegou pra restaurar assim, muitos descaracterizaram completamente né, [...] tem que forçar um pouco assim pra tu conseguir enxergar aquela coisa que tinha antes, chegar lá e ficar fazendo aquele exercício de imaginação “pô, isso daqui era assim...sabe”, muita interferência nesses prédios, [...]. Mas claro ainda existem muitas ruínas por aqui e tal, ainda existem prédios em ruínas e isso ainda preserva suas características estéticas assim, que eu acho muito interessante, mas, não se tem mais aquela experiência como era antes assim, eu não consigo ter daquele jeito, até de poder acessar esses lugares, poder andar, então uns estão com outro uso, [...] então já se torna uma outra coisa né, vira um outro tipo de espaço. [...] Eu gostaria que pessoas com preocupações mais culturais, estéticas pudesse ter tido um olhar sobre esses lugares e visado preservar essas características que esses lugares tinham sabe, mesmo dando um uso assim, [...] então eu acho que eu gostaria de ter visto um trabalho de preservação destes lugares, mantendo todas as características e colocando esses lugares em funcionamento para o uso da comunidade local assim, não “pruma” instituição fechada, como vai, por exemplo, a UFPel [...] compra um prédio desses, [...] deixa de servir a comunidade em geral, assim pra servir a comunidade estudantil, eu não tenho mais acesso a esses lugares como eu tinha antes, por exemplo (A.M.L., 2020).

[...] UFPEL também deveria contribuir [...] para algo como cultural uma prestação de contas social pela desgraça que tornaram a região, é muito fácil se instalar em prédios cuidar apenas do interior desses e excluir toda sua responsabilidade pela parte externa [...] fruxo (sic) de carros gente transporte, lixo gerado em toda região e principalmente não oferecer segurança para região e moradores que não tem nada a ver com a universidade só erdaram (sic) os vários prejuízos, ufpel tem que ter o contraponto para a região que se instalou (R.G, 2021).

As respostas dos participantes convergem com as concepções de Meneguello (2014), quando diz que a incorporação de ruínas industriais no meio urbano tem um caráter pedagógico, pois elas têm muito a nos “ensinar sobre a forma ansiosa como concebemos as nossas cidades” de forma que todos os lugares devem ser concebidos com usos legíveis e definidos. Para a autora, as cidades necessitam de espaços de reflexão e respiro, e as ruínas têm essa capacidade de nos comunicar sobre permanências e rupturas de processos sociais, políticos e econômicos de nossas sociedades, bem como de oferecer experiências perceptíveis que subvertam as lógicas de beleza e utilidade a que estamos acostumados, nos tirando do nosso ilusório conforto. As ruínas presentes nas cidades seriam como “um monumento aos nossos excessos de desperdício”.

Durante o processo de reutilização do patrimônio industrial diversos elementos construtivos, que eram importantes registros históricos do processo produtivo das fábricas, foram descartados. Esse processo foi testemunhado pelos exploradores urbanos, que possuem um dossiê com centenas de fotografias desses elementos em seus locais originais, além de fotos das obras, demolições e remoções. A narrativa adjunta à imagem a seguir (Figura 8) aborda esse tema, revelando o conhecimento do participante sobre as transformações ocorridas na paisagem, e a sua insatisfação pela forma como elas ocorreram. Sua crítica reflete um possível ponto de vista do coletivo e se baseia na relação entre memória e esquecimento (Candau, 2018) (Fig. 8).

[...] eu me lembro que quando eu subi lá eu tirei umas fotos do Anglo lá de cima, [...] e ainda com os dizeres do Anglo na parede né, aquilo ali era característico sabe. Ter apagado esse letreiro do Anglo aí, quando a UFPel apagou isso aí, tipo, foi a pá de cal que faltava jogar em cima da zona do Porto sabe, como quem chega na lua e crava a bandeira sabe, [...] é a mesma coisa que... sei lá, alguém chegar lá e tirar o letreiro de Hollywood sabe, tira o letreiro de Hollywood e escreve lá Pepsi, sei lá, Coca Cola, imagina como os moradores do lugar vão se sentir, o Anglo era pô, era característico da zona, e todo mundo olhava pra isso, e via isso, e quando vê, de repente: UFPeeel! [...] enfim, pelo menos a chaminé eles tiveram a decência de manter, né... mas aquela roda, quase coloquei uma foto da roda inclusive no... chegou a ir pra semifinais assim, a foto da roda, daquela sala da grande roda de ferro. Mas essa daí pega o lugar inteiro assim, então essa aí acabou ganhando, por ter essa visão mais ampla assim do lugar e tal. [...] ele parece que era um monumento da zona, esse prédio muito grande, onde tu tava na zona do Porto tu enxergava ele né, então esse lugar sempre teve muito presente no imaginário dos moradores do lugar, sempre teve ali marcando sua presença, imponente, colossal, grande e... pô tâí registrado pra gente poder lembrar como era. [...] O lugar onde é o Anglo assim... na beira do canal, a visão que se tem das peças mais altas lá, olhando pro Canal São Gonçalo... pô, é muito legal! Então junta, né, a própria natureza da nossa região assim, que é muito bonita, muito característica, com



o lance de banhado, da beira do canal, das aves e mais tudo o que acaba sendo praticamente um retrato do que é Taim, desse bioma... E também esse patrimônio industrial assim acaba fazendo parte né, tá aí há tanto tempo... Pra uma pessoa da minha idade isso aí sempre teve aí, desde que eu me conheço por gente, aqui na zona, ele sempre teve aí, bem desse jeito como tá aí assim, então essa foto eu considero uma relíquia, ela guardou muito bem esse momento assim [...] (A.M.L., 2020).

De acordo com a narrativa do participante, o letreiro na empena do prédio cumpria a função de sociotransmissor (Candau, 2018), pois carregava um significado que era compartilhado coletivamente pela comunidade. Sua presença na paisagem urbana contribuía para a formação da memória coletiva e para o fortalecimento da rede de associações afetivas e cognitivas vinculadas ao lugar. A crítica ao apagamento do “Anglo”, e sua substituição por “UFPel” se justifica pela compreensão de que a ausência desse elemento pode contribuir para o esquecimento das memórias associadas ao antigo frigorífico Anglo e a comunidade residente no entorno. Além disso, a narrativa evidencia que o participante possui plena compreensão do caráter do lugar, reconhecendo as qualidades peculiares que o identificam, formado pelos elementos construídos pelo homem e pela própria natureza do entorno (NORBERG-SHULZ, 2008). Nesse reconhecimento está implícita a atribuição dos valores estético e formal, os quais oferecem diversos estímulos que intensificam as experiências e sentimentos, qualificando o seu registro, tornando-o “uma relíquia” (A.M.L., 2020).

Considerações Finais

A pesquisa que fundamenta o conteúdo deste artigo teve o objetivo de conhecer as relações desenvolvidas entre sujeitos de diferentes grupos sociais e o patrimônio industrial - que foi adquirido pela UFPel - em diferentes contextos socioeconômicos. O estudo buscou trazer à tona valores, memórias e percepções relevantes para esses grupos, considerando sua importância para as práticas de preservação desse patrimônio. A metodologia adotada, e a combinação de instrumentos de coleta de dados, permitiu identificar três contextos bem definidos – universitário, abandono, industrial – e revelar uma diversidade de valores materiais e imateriais atribuídos ao patrimônio em cada época. Dentre os dados coletados, destaca-se a descoberta de “um lado” pouco conhecido da cidade de Pelotas, relacionado ao contexto do abandono, e que foi metaforicamente identificado como “o lado B da Princesa”. Esse lado que floresceu entre os anos de 1990 e 2010, relacionado ao movimento de contracultura *Dark City*, contrasta com a cultura hegemônica da Princesa do Sul do século XIX, que viveu seu apogeu antes do recorte temporal da pesquisa.

A prática de exploração urbana em meio às ruínas do patrimônio industrial, caracterizada na época como uma forma subversiva de ser e estar no espaço urbano, possibilitou a vivência de experiências singulares aos seus praticantes. Quando analisadas no presente, essas vivências revelam um conjunto de novos valores, até então negligenciados, que ampliam e diversificam a dimensão imaterial do patrimônio industrial, transcendendo os aspectos tradicionalmente associados ao mundo do trabalho. De acordo com a análise de Lefebvre (2013), é possível afirmar que a antiga zona industrial do Porto de Pelotas, durante o período do abandono, se materializou como “espaço de representação”, por ter sido “vivida” de maneira original e desprovidas de análises teóricas e conceituais pelos exploradores urbanos, os quais subverteram as lógicas de uso atribuídas aos espaços urbanos, e expressaram essas vivências por meios artísticos.

Referências

- BRITTO, Natália Daniela Soares Sá. Industrialização e desindustrialização do espaço urbano na cidade de Pelotas (RS). 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Rio Grande/FURG. Rio Grande, RS, 2011.
- CANDAU, Joel. Memória e Identidade. São Paulo: Contexto, 2018.
- CARERI, Francesco. Walkscapes: o caminhar como prática estética. São Paulo: Gustavo Gilli, 2013.
- CULLEN, Gordon. Paisagem Urbana. Lisboa: Edições 70, 2013.
- FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. Patrimônio Industrial Rural e Urbano na cidade de Pelotas, RS. Projeto de pesquisa UFPEL. Pelotas, 2011.
- GUTIERREZ, Ester Judite Bendjouya. Negros, charqueadas e olarias: um estudo sobre o espaço pelotense. 2. ed. Pelotas: Ed. Universitária. UFPEL, 2001.
- HERNÁNDEZ, Josep Ballart; TRESSERAS, Jordi Juan i. Gestión del patrimonio cultural. 3. ed. Barcelona: Editorial Ariel, 2007.

- LEFEBVRE, Henri. *La producción del espacio*. Madrid: Capitán Swing Libros, S.L. 2013.
- LYNCH, Kevin. *A Imagem da Cidade*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1997.
- MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens*. São Paulo: Companhia da Letras, 2001.
- MENEGUELLO, Cristina. *As Ruínas do Futuro e o Novo Patrimônio Industrial*. Entrevista. 2014. Disponível em: <https://unicamp.academia.edu/CristinaMeneguello>. Acesso em 02/05/2020.
- MOURA, Rosa Maria Garcia Rolim; SCHLEE, Andrey Rosenthal. *100 Imagens da Arquitetura Pelotense*. Pelotas: Pallotti, 1998.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. *O Fenômeno do Lugar*, IN: Nesbitt, Kate. *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)*. São Paulo: Cosac Naify, 2008. p. 443-460.
- PANOFSKY, Erwin. *Significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- PELOTAS. Lei no 4.568/2000. Declara área da cidade como zonas de preservação do patrimônio cultural de Pelotas – ZPPC's – lista seus bens integrantes e dá outras providências. Pelotas, RS, Legislação municipal 2000.
- PELOTAS. Lei no 5.502/2008. Institui o III Plano Diretor Municipal e estabelece as diretrizes e proposições de ordenamento e desenvolvimento territorial no Município de Pelotas, e dá outras providências. Pelotas, RS, Legislação municipal 2008.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História da indústria sul-rio-grandense*. Guaíba: Riocell, 1985.
- PORTELLI, Alessandro. *História oral como arte de escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.
- RICOEUR, Paul. *Arquitetura e Narratividade*. In: *Urbanisme*, n.303, nov./dez., 1998. p. 44-51.
- RIEGL, Alois. *El culto moderno a los monumentos*. Madrid: Machado Libros S.A., 2008.
- ROCHA, Eduardo. *Os lugares do abandono*. Revista Arquitextos, São Paulo, v. 97, n. 6, junho, 2008.
- SCHMID, Christian. A Teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional. *Revista Geousp – Espaço e Tempo*, São Paulo, n. 32, 2012. p. 89-109.
- SOSA GONZÁLEZ, Ana María. A UFPel, a cidade de Pelotas e seu patrimônio industrial: uma reflexão e sistematização a partir do projeto “Memória, identidade e patrimônio industrial adquirido pela UFPel”. In: MICHELON, Francisca Ferreira. [Org.] *O Patrimônio Industrial da Universidade Federal de Pelotas*. Pelotas: Ed. UFPel, 2019. 165p. Disponível en: <http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/4869>. Acesso: 10/1/2021.
- TASSINARI, A. *Mundo da Obra e o Mundo em Comum*. In: *O Espaço Moderno*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001. p.75-95.
- TICCIH-Brasil. *Cartas Patrimoniais. Carta de Nizhny Tagil sobre o Patrimônio Industrial*. 2003. Disponível em: <https://ticcihbrasil.com.br/cartas/carta-de-nizhny-tagil-sobre-o-patrimonio-industrial/> Acesso em: 19/10/2019.
- TICCIH-Brasil. *Cartas Patrimoniais. Princípios de Dublin*. 2011. Disponível em: <https://ticcihbrasil.com.br/cartas/os-principios-de-dublin/> Acesso em: 23/04/2021.
- TICCIH-Brasil. *Carta de Sevilha de Patrimônio Industrial*. 2018. Disponível em: <https://ticcihbrasil.com.br/apresentacao-da-carta-de-sevilha-de-patrimonio-industrial/> Acesso em: 19/10/2019.
- TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Caetano do Sul: Difusão Editorial S.A., 1974.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. Londrina: Eduel, 2013.
- VIERA, Sidney Gonçalves. *A cidade fragmentada, o planejamento e a segregação social do espaço urbano em Pelotas*. Pelotas: UFPel, 2005.